



SONS DA CONTRACULTURA: RAUL SEIXAS ENTRE CIDADES E SOCIEDADES ALTERNATIVAS*

Emília Saraiva Nery**

Universidade Federal do Piauí – UFPI

emilia.nery@gmail.com

RESUMO: Trata-se de um estudo sobre as tensões no campo da música brasileira, na década de 1970 e a maneira singular como Raul Seixas se inseriu nos debates sobre sua época, favorecendo a popularização de temas como a vida em comunidades alternativas. Por fim, aponta-se a especificidade da obra de Raul Seixas enquanto lentes de conflitos históricos e culturais. Assim sendo, a grande tônica de sua obra foi a recusa às formas de existência e a construção de uma temporalidade própria para os anos 1970.

PALAVRAS-CHAVE: História do Brasil – Música – Raul Seixas.

ABSTRACT: This paper talks about the tensions in the field of the Brazilian music in decade of 1970 and the singular manner as Raul Seixas came in the debates about your epoch that in favor of the popularization of the themes as life and alternatives communities. In the end present the specify of the production of the Raul Seixas in the moment of the historic conflicts and cultural. Therefore, the big tonic of the your production was a rejection of the forms of existence and the construction of a temporality proper to the years of 1970.

KEYWORDS: History of Brazil– Music – Raul Seixas.

CIDADES ALTERNATIVAS: UM SONHO REVIRADO PELAS CIDADES

A discussão sobre a possibilidade de, através de um recurso ao protesto, cair fora da sociedade estabelecida nos anos 1970 está vinculada ao debate sobre a existência histórica de uma cidade alternativa. Raul Seixas e Paulo Coelho, idealizadores de uma **Sociedade Alternativa**, são os personagens e compositores que

* Este artigo faz parte da dissertação de NERY, Emília Saraiva. **Devires na Música Popular Brasileira:** As aventuras de Raul Seixas e as Tensões Culturais no Brasil dos anos 1970. 2008. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-graduação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

** Docente substituta DGH/CCHL/UFPI. Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI e mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

guiarão setores da juventude brasileira, daquele período, na vivência de novas cidades, estas configuradas no âmbito das cidades invisíveis e alternativas.¹

As comunidades alternativas e as cidades alternativas foram marcas de uma **cultura do desbunde**, emergida na cultura brasileira dos anos 1970. Mudar de vida, mudar a si e penetrar no sonho em que a cidade, para ocultar-se, dorme. Submergir no sonho como saída para os problemas. Criar cidades alternativas em busca de desejo, vida e realização. Logo, essas cidades, por mais fantasiosas que pareçam, são diferenciadas do discurso urbanista utópico.

As cidades reais são cidades baseadas num projeto utópico e urbanístico que opera em três frentes: 1) construção de um espaço organizado sem elevações físicas, deturpações da mentalidade urbanizadora e dos projetos político-administrativos; 2) fixação de um tempo imóvel com áureas de eterna modernização e 3) a criação de um habitante universal, comum e fruto das condições sociais e urbanas vigentes no território. Diferente das cidades reais, as cidades alternativas são territórios excluídos das cidades oficiais e que trabalham e jogam com a prática de micro espaços plurais e o desvio da ordem e do uso costumeiro do espaço urbanístico.²

A cidade em sua gênese é fuga. Nesse espaço, o sujeito é um **transeunte** que se locomove a todo **transe**, sem forma estabelecida. Já o Estado possui uma postura desencontrada em relação ao transeunte. Ele se constitui como um agente de **trânsito**, que impõe a marcha por um trajeto definido em direção a um único destino.³

Feitas essas considerações iniciais, nesta seção, pretende-se mostrar, a partir da produção lítero-musical e das experiências de Raul Seixas, os projetos e vivências das cidades alternativas dos anos 1970. Raul Seixas propôs cidades alternativas em letras de músicas, como: **Cidade de Cabeça-Pra-Baixo** e **Cidade de Thor**. Da mesma forma, tentou concretizar suas propostas com a fundação de uma outra cidade alternativa: **A Cidade das Estrelas**, no estado de Minas Gerais, em 1974.

¹ Para leituras sobre as especificidades e as incongruências entre as cidades visíveis e as cidades invisíveis, ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. A cidade dizível: história e memória em **Tristeresina**, a cidade subjetiva de Torquato Neto. **Textos de História**, Brasília: Unb, n. ½, 2006, p. 163-174. v. 14; CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: _____. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 169-191.

² CERTEAU, 1994, op. cit, p. 172-173.

³ PELBART, Peter Pál. Subjetividade Contemporânea e Políticas de Subjetividade. _____. **A Vertigem por um Fio**. Políticas da Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 46.

Raul Seixas, em manuscritos datados ainda de 1973, já fazia planos do projeto de construção da **Cidade das Estrelas** e conclamava todas as pessoas, sem distinção, a se congregarem em torno da cidade alternativa em questão:

Estamos começando um grande empreendimento e nossas portas estão abertas para qualquer ser humano que deseje unir-se a nós, não importando a sua nacionalidade, religião, raça, bandeira ou cargo. Para isso foi comprado um terreno pela Sociedade Alternativa em Paraíba do Sul, onde construiremos **A Cidade das estrelas**, cuja lei será Faze o que tu queres...⁴

É necessário perceber o local escolhido por Raul Seixas para a sua **Cidade das Estrelas**. Ele escolheu Minas Gerais, o interior, o campo. Num primeiro momento, buscava a natureza, a simplicidade, tidas a “princípio” como marcas do campo e, num segundo momento, pretendia levar essas experiências para as cidades. Cidades essas aparentemente carentes de qualidade de vida, boas condições ambientais e de filosofias de vida naturais e independentes. Sobre isso, Carlos Vieira diz:

O movimento de comunidades tomaria logo grande impulso e centenas de jovens partiriam para o campo, numa tentativa louca de fugir dos grandes centros fadados à deterioração rápida. [...] Num segundo estágio, pulularão os cursos de preparo para jovens de ‘todas as idades’, em todo o país, nas áreas de medicina, agricultura biológica (ou ecológica) – por ser mais abrangente, dietas alternativas e outras áreas afins, com o objetivo de preparar a saída deste contingente para a nova sociedade, cujas relações deverão ser bem diferentes das que se travam no palco das atuais cidades, com seus milhares de indivíduos massificados, empilhados e insatisfeitos.⁵

O nome escolhido **Cidade das Estrelas**, assim como os outros nomes das cidades alternativas propostas pelo compositor, permite pensar um outro da cidade visível, a qual tende a ser apagada em práticas microbianas como aquelas das cidades alternativas, cujo caráter alternativo decorre, justamente, de sua prática subversiva em relação à panoptia da cidade formal. Essas nomeações são recursos combativos em relação a uma padronização apenas numérica dos lugares a serem habitados. São números mortos, sem história que organizam uma urbanidade estabelecida.⁶ As normas que regeriam a **Cidade das Estrelas** eram baseadas na “sociedade alternativa”. Críticos

⁴ SEIXAS, 1973 apud INGER, Silvio (Org.). **O Baú do Raul revirado**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p.91.

⁵ VIEIRA, Carlos Eduardo Vampré. Os caminhos e alternativas no Brasil. In: _____. **Antologia Prêmio Torquato Neto**. Rio de Janeiro: Centro de Cultura Alternativa / Rio Arte, 1984, p. 175-176.

⁶ CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: _____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 186-187.

musicais reforçam essa sociedade enquanto um potencial espaço de liberdade que tinha dimensões circunscritas aos lugares das estrelas, ou seja, a liberdade era um direito natural e sem limites.

Com alma de farsante e fervilhante criatividade, Raul fazia músicas e planos a granel, teorizava com Paulo as bases de uma ‘Sociedade Alternativa’, uma radicalização hippie, mais politizada e mais libertária, que em plena e feroz ditadura tinha como lema ‘Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei’.⁷

A “planta” das cidades alternativas, projetadas pelo compositor em suas letras de música, era a representação de lugares criativos. Criatividade essa proveniente da arte, da música. Busca incessante de inverter os espaços e, por sua vez, criação de sensações misturadas, que podem ser reordenadas de várias formas. Eis a “fronteira” do seu território. Uma fronteira “demarcada” por um ritmo alucinante e transitório. O seu relógio não marca uma memória de um passado nostálgico. Nem tampouco seu roteiro segue um tempo futuro. Seu alicerce é uma mente que consegue superar condicionamentos discursivos e sociais, como a linearidade temporal.

Trata-se de uma cidade “imprevisível”, no tocante às vivências a serem emersas. Nessa cidade é permitido viver em todos os lados: em cima, em baixo. Por isso, Raul Seixas a nomeia de **Cidade de cabeça-pra-baixo**, descrita na letra de música **De Cabeça-Pra-Baixo**, Raul Seixas mostra essa cidade: “É na cidade de cabeça-pra-baixo/ A gente usa o teto como capacho/ Ninguém precisa morrer/ Prá conseguir o paraíso no alto/ O céu já está no asfalto”.⁸

Nesses trechos, a cidade cantada saúda o movimento da inversão. Inversão de regras, o lugar de pisar ou andar não é o chão, mas o teto. A felicidade dos habitantes não é um sonho distante, “Ninguém precisa morrer prá conseguir o paraíso no alto/ O céu já está no asfalto”, mas um andar, caminho interrompido por uma topada de alguém que não pode flunar, vagar pela cidade. Esse movimento de seguir em frente e parar é sonoramente harmonizado com a letra através de batidas de passos que são interrompidas.

É importante perceber também que a **Cidade de cabeça-pra-baixo** parece ser um lugar, a princípio, supostamente inalcançável, “paraíso no alto.” Mas, em seguida, o

⁷ MOTTA, Nelson. Fala, amizade! In: _____. **Noites Tropicais**. Solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p.255.

⁸ SEIXAS, Raul; ROBERTO, Cláudio. De Cabeça- pra- baixo. In: SEIXAS, Raul. **O Dia em que a Terra parou**. São Paulo, Warner Discos, 1977. 1. disco sonoro. Lado B, faixa 10.

compositor lembra que o inalcançável se torna realidade quando seus habitantes transformam as subjetividades em existências, nos ares que respiram, “O céu já está no asfalto”, Nessa perspectiva, a **Cidade de cabeça-pra-baixo** não é símbolo da fantasia, porém é “[...] a demonstração de que as cidades, fora do discurso utópico-urbanista, só existem em sua forma invisível, carregadas e constantemente recompostas aqui, nesta região escondida e funda, maquinaria desejanse que chamamos subjetividade”.⁹

Nesse sentido, a **Cidade de cabeça-pra-baixo** se mostra como um refúgio e evidência do abandono de um discurso idealizador e planejado sobre a cidade real. “Vou me mudar pra cidade/ Pra cidade de cabeça-pra-baixo.” Quais são os atrativos da “Cidade de cabeça-pra-baixo” na letra em análise? “Dinheiro é fruta que apodrece no cacho/ Ninguém precisa correr/ Nem tem idéia do que é calendário/ Nem tem problema de horário/ ... / Ninguém precisa fazer/ Nenhuma coisa que não tenha vontade”.¹⁰

Nesses trechos da letra de música, os atrativos da **Cidade de cabeça-pra-baixo** estão relacionados com a saturação de uma rotina urbana, que captura nossos desejos em torno da vida industrial e burguesa. Uma vida marcada pela busca do dinheiro, pela rigidez do cumprimento de horário no trabalho, a “escravização” do livro de assinatura do ponto, e de normas pré-estabelecidas. Em resumo, a ótica é: não se pode sair do cotidiano, fazer outras atividades, pois perda de tempo é perda de dinheiro.

A **cidade de cabeça-pra-baixo** descrita por Raul Seixas é um espaço subterrâneo, mas com capacidade de, giro após giro, emergir no solo. Os seus horizontes são alargados: “É tão bonito ver o sorriso do povo/ Que habita o lugar/ Olhar pra cima e ver a espuma das ondas se quebrando no ar.” O mar localizado na Terra, passa a ocupar o espaço do ar, do céu. E os solos estabelecidos são desprezados, pois o chão não é lugar de andar, “O chão é lugar de cuspir”.

Até agora, foi realizada uma cartografia das cidades alternativas de Raul Seixas. Conheceu-se a “Cidade das Estrelas” e se passou pela **Cidade de Cabeça-pra-baixo**. Por fim, é o momento de entrar em mais uma de suas cidades emblemáticas: **A Cidade de Thor**.

⁹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Tristeresina: um lugar triste e lindo, capaz de nos ensinar que as cidades existem em sua forma invisível. In: VASCONCELOS, José Gerardo; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (Orgs.). **Coisas de Cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005, p.184.

¹⁰ SEIXAS, Raul; ROBERTO, Cláudio. De Cabeça- pra- baixo. SEIXAS, Raul. **O Dia em que a Terra parou**. São Paulo, Warner Discos, 1977. 1. disco sonoro. Lado B, faixa 10.

Na letra de música *As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*,¹¹ o compositor problematiza questões ecológicas e tecnológicas.

Buliram muito com o planeta/ E o planeta como um cachorro eu vejo/
Se ele já não agüenta mais as pulgas/ Se livra delas num sacolejo/ ... /
A civilização se tornou tão complicada/ Que ficou tão frágil como um
computador/ Que se uma criança descobrir/ O calcanhar de Aquiles/
Com um só palito pára o motor.

A paisagem dessas cidades se mostra artificial, clivada da natureza. O homem canalizou os recursos naturais ao ponto de esgotá-los nas suas invenções tecnológicas. Mas o meio ambiente, a princípio dominado pelo homem, força uma melhor utilização das fontes energéticas naturais: água, carvão e petróleo. Caso contrário, o ser humano corre o risco de ser exterminado do planeta num “estalar de dedos” ou apertar de botões em tempos do “processo da Guerra Fria adquiria contornos dramáticos, com um período de uma guerra nuclear capaz de extinguir toda a vida do planeta”.¹²

É possível observar esse debate ecológico ainda na imprensa da época.

Mais realista, a sociedade dos anos 70 parou para pensar os benefícios proporcionados pela ciência e pela tecnologia. [...] A década de 70 viu a poluição ganhando terreno sobre cidades, rios e mares. [...] Pela primeira vez, houve a possibilidade de uma tragédia nuclear em tempos de paz, no reator de Three Mile Island, nos Estados Unidos. [...] Descobria-se, afinal que a ciência tem os seus limites e às vezes produz alguns maus efeitos colaterais.¹³



Uma geração marcada pela política não apenas de se livrar do imperialismo econômico como também de se libertar das ameaças de catástrofes ecológicas e das neuroses, que provocam o desejo de se afastar do mundo em que vive, tipificado como urbano e inabitável. As neuroses poderiam ser curadas com mudanças para um estágio de aplicação às coisas divinas e dedicação a uma vida pastoril. Nesse sentido, essa visão ecológica de sociedade futuramente revolucionária pode ser interpretada como um possível retorno ou guia a um anterior estágio naturalista social de liberdade, ausência de legislações sociais, harmonia, bondade e paraíso perdido.¹⁴

¹¹ SEIXAS, Raul. *As aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*. SEIXAS, Raul. **Gita**. São Paulo, Philips-Phonogram, 1974. 1. disco sonoro. Lado A, faixa 3.

¹² BOSCATO, Luiz. *O anarquismo espiritual da contracultura: uma abordagem dos movimentos alternativos das décadas de 1960 e 1970*. In: _____. **Vivendo a sociedade alternativa: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem**. 2006. Tese. (Doutorado em História) – USP, São Paulo, 2006, p. 43.

¹³ A DÉCADA da microrevolução. **Veja**, p. 129, n. 590, 26 dez. 1979.

¹⁴ ROLNIK, Suely. *Roteiro de cartografias das noivinhas*. In: _____. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006, p. 127.

As preocupações com as condições da biosfera se materializarão, principalmente, no final dos anos 1970, com a repercussão da crise do petróleo, provocada pela guerra entre árabes e israelenses em 1973, e com o desenvolvimento de fontes energéticas renováveis e uma agricultura macrobiótica pelas grandes cidades, anteriormente restrita às comunidades alternativas.¹⁵

E sobre a utilização da agricultura ecológica pelo sistema estabelecido, Carlos Vieira acrescenta que:

Depois, numa segunda ocasião, diversos segmentos do sistema governamental aderiram paulatinamente às novas premissas ecológicas: o CNPq. Em Brasília, o I.P. T, em São Paulo, a Universidade da Paraíba, respectivamente, com o desenvolvimento de projetos no setor do álcool, gás metano e energia solar. A AEAESP, com seu trabalho pioneiro na compilação, divulgação e realização de cursos sobre agricultura ecológica, também é digna de ser citada. Depois deste seu primeiro curso, engenheiros agrônomos do Paraná que o freqüentaram, levaram para seu estado a nova tecnologia e a aplicaram em massa, via secretaria da agricultura, os novos métodos não-químicos de controle integrado de pragas da soja. Houve uma vitória dos movimentos ecologistas civis no Rio Grande do Sul (AGAPAN – Associação Gaúcha de Proteção Ambiental e da Natureza), quando conseguiram a proibição legal do uso do DDT e derivados em todo o Estado, com a figura ímpar de José Lutzemberg à frente das lideranças.¹⁶

Para além de uma ecologia da natureza, é possível observar na letra de música em questão uma proposta de regresso às mentes de todas as pessoas. Essa incursão mental nos mostra que “Tem gente que passa a vida inteira/ Travando a inútil luta com os galhos/ Sem saber que é lá no tronco/ Que está o coringa do baralho.” Mais que preservar a natureza, é necessário defender a singularidade de cada ser.¹⁷

Luta pela modificação da sociedade, subversão das certezas, da paz aparente. Apelo para a violência em relação às normas uniformizadoras. Nada de paz, amor e flor, máxima tão importante para os Beatles e Híppies. Para Raul Seixas e Paulo Coelho, o sonho alternativo não tinha acabado, como teria dito John Lennon no final da década de 1970. Para eles, o sonho tinha bases sólidas e organizadas:

¹⁵ VIEIRA, Carlos Eduardo Vampré. Os caminhos e alternativas no Brasil. In: _____. **Antologia Prêmio Torquato Neto**. Rio de Janeiro: Centro de Cultura Alternativa / Rio Arte, 1984, p. 180.

¹⁶ Ibid., p.185.

¹⁷ PELBART, Peter Pál. Subjetividade Contemporânea e Políticas de Subjetividade. _____. **A Vertigem por um Fio**. Políticas da Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 12.

A Sociedade Alternativa foi fundada em setembro de 1973 por Raul Seixas, Paulo Coelho, Adalgisa Holanda e Salomé Nadine. Em fevereiro do mesmo ano, participaram de um congresso reunindo as principais sociedades alternativas do mundo, apresentando sua declaração de direitos (baseada em Aleister Crowley, notório mago inglês que se autodenominou A Besta do Apocalipse). A Sociedade Alternativa de Raul Seixas e Paulo Coelho foi reconhecida mundialmente em 17 de fevereiro de 1974.¹⁸

As cidades alternativas representadas na produção lítero-musical de Raul Seixas, especialmente nas letras de músicas aqui selecionadas, revelam experiências sociais, idéias, sentimentos que circulavam na coletividade dos anos 1970. Daí o interesse de revistar essas experiências de cidades, de dar mais uma interpretação às composições. Não foi encontrada uma cidade determinada, mas práticas consumidoras das cidades.

Esse tema das cidades ou comunidades alternativas também foi abordado em revistas e jornais do período em estudo. Ao contrário da obra de Raul Seixas sobre a temática em discussão, a imprensa discutia o recuo do caráter libertário das comunidades alternativas e sua deturpação comercial e exótica pela sociedade estabelecida, já no ano de 1973. Um exemplo disso foi a mudança dos freqüentadores da comunidade alternativa no Pier da Praia de Ipanema:

[...] o surf está mudando: Imagine que veio aqui um cara do programa “Flávio Cavalcanti” propor pra gente agitar a Vera Fischer como ‘Miss Surf’. É um troço ridículo, mas se pintar alguma grana, a gente vai ter que topar. Maraca sente que ele, como todo o pier, também está prestes a ser engolido. E não chega a se lamentar: “Eu não me toquei a tempo. Rompi com as engrenagens e hoje vivo do surf. Mas, pô, não é fácil, podes crer. Faço prancha pra vender, mas já fui obrigado a vender até a minha para descolar o leite da criança”.¹⁹

Assim como a vida dos surfistas estava sofrendo mudanças, os gays, também, freqüentadores do local, mudavam seus estilos de vida e eram integrados na sociedade do consumo vigente e nos estereótipos comportamentais.

Seus mais ilustres representantes no pier incorporaram-se ao que eles chamam de “mais recente movimento teatral brasileiro”, o show dos Zi Croquetes [...]. Ciro Barcellos, um Zi Croquete que fugiu de casa há quatro anos para se juntar ao elenco de “Hair” [...]. Ciro já circulou pela praia de batom. Hoje pode ser confundido com qualquer um dos rapagões do surf cuja masculinidade não admitem ser posta em

¹⁸ BUDA, Toninho. Os movimentos alternativos. In: PASSOS, Sylvio; BUDA, Toninho. **Raul Seixas. Uma Antologia.** São Paulo: Martin Claret, 2000, p. 22.

¹⁹ FOI apenas um sonho que acabou? **Veja**, p. 45, nº. 235, 07 mar.1973.

dúvida. [...] Os Zi Croquetes estão convencidos de que é preciso se transformarem logo em algo bem comercializável. Pelo menos esses parecem ser os planos de Wagner Ribeiro, o mais velho (36 anos) e líder do grupo [...]: “O Pujol é apenas o início. A gente quer mesmo é montar uma empresa que inclua um cabaré na Lapa, um teatro, um lugar para exposições, já que todos pintamos um pouco.” E Wagner se empolga: “Depois montamos uma rede de butiques, e porque não, até mesmo, quitandas, farmácias, um banco do artista, tudo para dar emprego a essa moçada da praia que poderia perfeitamente está por trás de um balcão. Não é à toa que Wagner Ribeiro, vestido de ‘Cármem Miranda’ no Pujol, proclama com fervor para a platéia bem comportada: “Vocês pensam que é fácil ser underground? É uma tarefa das mais difíceis, não tenham dúvidas.”²⁰

Havia ainda freqüentadores baianos no Pier que indicavam para os outros freqüentadores uma comunidade alternativa baiana: Arembepe: “Quente mesmo vai ser o carnaval em Arembepe.” E todo mundo trocava “as dunas do barato” pelas “escadarias do barato” da praça Castro Alves, em Salvador”.²¹

Nem tudo era “Paz e Amor”, no sentido da harmonia comunitária. Duas tribos diferentes no Pier, separadas geograficamente no mesmo local. O lado esquerdo era ambiente, considerado desbundado pela atitude de negação do sistema e da carece²², dos freqüentadores baianos liderados por Gal Costa. Enquanto que o lado direito era ocupado pelos surfistas.²³

Essa comunidade alternativa baiana também foi alvo de debate na imprensa no final dos anos 1970. Assim como o Pier, Arembepe sofreu mudanças.

Dez anos depois de ser literalmente invadida por hordas de cabeludos sujos, coloridos, alegres, chegados de todos os cantos do mundo, Arembepe, então uma pequena, quase desconhecida colônia de pescadores, 50 quilômetros ao norte de Salvador – transformou-se completamente. Quase nada resta do “paraíso” encantado dos hippies que atraiu estrelas da grandeza de Janis Joplin, Mick Jagger, Roman Polansky e milhares de jovens entre 15 e 25 anos – logo depois de Woodstock, do AI-5, do tropicalismo, da prisão e exílio de Caetano Veloso e Gilberto Gil. [...] Em vez de hippies, Arembepe hospeda, agora, turistas curiosos e veranistas barulhentos.²⁴

As perseguições policiais em relação aos freqüentadores que usavam drogas deram lugar à ordem do progresso industrial com a instalação de uma fábrica de titânio

²⁰ FOI apenas um sonho que acabou? **Veja**, p.45, nº. 235, 07 mar.1973.

²¹ Ibid.

²² BAHAIANA, Ana Maria. **Almanaque anos 70**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 82.

²³ Ibid., p. 148.

²⁴ BARRETO, José. O sonho que acabou. **Veja**, p. 49, nº. 545, 15 fev.1979.

no local. Com esse progresso, viu-se a poluição e a mudança de hábitos provincianos para costumes das grandes metrópoles. Os bens materiais e de consumo assumiram maior importância que a vida, beleza e o bem-estar e se concretizou a alienação entre os sujeitos.²⁵

Certamente, os tempos não são os mesmos. À noite, em vez das conversas nas soleiras das portas, das sessões de som e “viagens” nos coqueirais, o programa é assistir à televisão. Assim as meninas do lugar, que antes encaracolavam o cabelo e falavam devagar como os hippies, hoje vestem-se e penteiam-se como “a Júlia da novela” e vão ouvir e dançar discoteque num bar da praça. Dos cabeludos restaram mesmo lembranças saudosistas de uma convivência e alguns hábitos. Fumar maconha, por exemplo, é considerado por muitos como natural.²⁶

As cidades alternativas se entrelaçavam num labirinto inconstante e mutável. Foi percebido que havia becos sem saídas. Na medida em que as cidades alternativas eram imaginadas, existiam tentativas de destruí-las.

Trabalhar com letras de música numa perspectiva histórica não significa estudar apenas a emergência de possibilidades históricas. Ao se estudar a arte, é necessário atentar para a sua capacidade de falar do exercício das múltiplas potencialidades humanas, sobretudo as que são visualizadas como impossíveis. As iniciativas dos processos de transformação podem ser vistas, especialmente, no seu nascedouro como impossíveis e difíceis. A visão focalizada apenas no possível, nos modelos sociais existentes embaça a perspectiva do impossível, aparentemente observado como limitado e passageiro. O interessante é perceber o momento da emergência da possibilidade de mudanças políticas, sociais e culturais que os impossíveis carregam.²⁷

AS (IM) POSSIBILIDADES DE UMA SOCIEDADE ALTERNATIVA

A Sociedade Alternativa proposta por Raul Seixas e Paulo Coelho pode ser problematizada dentro das impossibilidades históricas, mas como uma probabilidade de

²⁵ ROSZAK, Theodore. Uma invasão de centauros. In: _____. **A contracultura**: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 68.

²⁶ Ibid., p. 50.

²⁷ GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 196.

confusão das regras estabelecidas pela sociedade vigente. As memórias dessa sociedade alternativa podem ser trabalhadas a partir da letra de música Sociedade Alternativa.²⁸

Todo homem e toda mulher é uma estrela/Viva! Viva!/ Viva a Sociedade Alternativa!.../ Mas se eu quero e você quer, / Tomar banho de chapéu/ Ou discutir Carlos Gardel/ Ou esperar Papai Noel/ Então vá/ Faze o que tu queres pois é tudo da lei, da lei... / Viva a Sociedade Alternativa!/ O número 666 chama-se Aleister Crowley/ ... / ... / A lei do forte/ Esta é a nossa lei e a alegria do mundo.

A letra de música Sociedade Alternativa pode ser vista como um hino cujo lema seria colocar a imaginação em primeiro plano e mostrar outras regras de subjetividade.²⁹ Querer realizar coisas “absurdas”, “fantasiosas”. Acreditar em contos de fada, Papai Noel. Aparentemente essa sociedade pode se mostrar como anárquica, no sentido de não ter regras e de que tudo seria permitido. Mas é justamente essa a regra: permitir-se novas formas de se relacionar e de perceber o mundo.

Essa regra foi fundamentada pelas concepções místicas e filosóficas de Aleister Crowley,³⁰ que observava o homem como um ser ou Deus transformador do mundo, personificado pela Besta 666 ou do Apocalipse através das suas vontades de liberdade, conhecimento e desobediência.³¹ Numa perspectiva macrossocial, essa fundamentação seria uma máxima utópica, já que um questionamento da sociedade estabelecida deveria passar necessariamente por combates políticos e sociais. As revoluções culturais não levariam as pessoas a se emanciparem por serem vinculadas a níveis estruturais políticos e econômicos.

²⁸ SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. Sociedade Alternativa. SEIXAS, Raul. **Gita**. São Paulo, Philips-Phonogram, 1974. 1. disco sonoro. Lado B, faixa 7.

²⁹ Subjetividade aqui não se refere a uma qualidade natural e determinada do ser humano que impulsionaria todos os seus comportamentos em qualquer ocasião. Trata-se de uma natureza humana alterada constantemente. Ver: GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

³⁰ Mago e estudioso inglês de ioga e filosofia esotérica que viveu entre os anos de 1876- 1946. “Em 1904, alegou ter estabelecido uma comunicação telepática com uma inteligência superior por intermédio do médium de sua mulher, Rosemary. Ele previu o começo da Nova Era, para a qual contribuiu com os seguintes aforismos: “Faze o que tu queres; esta é toda a lei” e “Todo homem e toda mulher é uma estrela”. Nas duas décadas seguintes, fez experimentos com todas as drogas disponíveis como meios de atingir a transcendência”. LEARY, Timothy Francis. O surgimento da cultura das drogas. In: _____. **Flashbacks “surfando no caos”**: uma autobiografia. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999, p. 338.

³¹ VIEIRA, Fabíola Guimarães. A sociedade alternativa. In: _____. **As idéias anarquistas materializadas na figura de Raul Seixas com seu projeto de construção de uma sociedade alternativa**. 2004. Monografia – (Graduação em História) – UESGO, Anápolis, 2004, f. 53-66.

No entanto, houve créditos ameaçadores concedidos numa perspectiva macropolítica ao suposto poder da Sociedade Alternativa, apesar de se tratar de uma esfera micropolítica, de mudanças de costume da sociedade. É o que mostra Nelson Motta num esforço de memória:

O problema era que Raul e Paulo queriam materializar a ‘Sociedade Alternativa’, comprar um grande terreno no interior, construir a ‘Cidade das Estrelas’, organizar uma comunidade com regras e estatutos baseados na doutrina satânica de Aliester Crowley, fazer um jornalzinho, promover shows e reuniões: a sociedade de alternativa, virava civil, com CGC e tudo. E colocava a dupla no radar da paranóia militar.³²

A tentativa de operacionalizar a Sociedade Alternativa, através da Cidade das Estrelas, foi, também, para algumas pessoas, como o amigo do Raul Seixas Toninho Buda, sufocada pelo regime ditatorial, sendo seus líderes exilados do Brasil para os Estados Unidos, no ano de 1974. Ele lembrou do episódio da seguinte forma:

A Sociedade Alternativa com sede alugada, papel timbrado e relatórios mensais, chega a anunciar a aquisição de um terreno em Minas Gerais para a construção da Cidade das Estrelas, comunidade, onde a lei única era fazer o que tu queres, há de ser tudo da lei. A idéia da Sociedade Alternativa não agradou a muitos e Raul foi preso e torturado pelo DOPS, tendo que deixar o país.³³

Por se localizar no intermédio entre inovação e modelização, ou seja, entre possibilidades de invenção de outra sociedade e a influência das estruturas da sociedade estabelecida nessas invenções, o tema das relações de Raul Seixas com uma “sociedade alternativa” foi controverso nos relatos orais de Marcos Paraguassu e Thildo Gama. Na concepção do primeiro, a sociedade alternativa não passou de um fruto dos delírios alucinógenos do compositor. Tanto que durante a entrevista, ele pediu para interromper a gravação, porque em “off” se sentia mais à vontade para falar de drogas. E quando na sua fala esse tema surgia ele se expressava assim: “Ó”, e colocava a mão no nariz para indicar o ato de cheirar, interrompendo a sua fala:

Raul, independente de seu talento, tinha também certa dose de loucura. (Cansei de ouvir histórias nas quais ele via discos voadores na Barra da Tijuca). [...] Dá um off aqui. [Interrupção da gravação] Passado essa fase de explicação. [Risos.] [...] Eu só sei que ele em 72, 73 e Paulo Coelho foi preso por causa de... E ele também. Aí era um

³² MOTTA, Nelson. Fala, amizade! In: _____. **Noites Tropicais**. Solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 258.

³³ PASSOS, Sylvio; BUDA, Toninho. **Raul Seixas**. Uma Antologia. São Paulo: Martin Claret, 2000, p. 84-85.

pouco de... [...] Quando eu falo em intervalo do ponto de vista de um movimento mais organizado. Então dizer que esses movimentos de sociedade alternativa são movimentos fortes. Não. Sua apologia da sociedade alternativa, porém, acompanha as mesmas concepções do “small is beautiful”, bem divulgadas na época. As tentativas de transformar tal sociedade em comunidades reais, ainda sob a influência do movimento hippie (sem esquecer os festivais de Monterrey e Woodstok e da influência de Janis Joplin e de Jim Hendrix) fracassaram redondamente. Li em algum lugar que Raul que teria fundado uma Cidade das Estrelas lá em Minas Gerais. Aqui na Bahia, uma destas comunidades que adquiriu fama nacional foi a de Arembepe. Janis Joplin, por exemplo, esteve em Arembepe. A experiência desta comunidade foi narrada por Roberto Hoisel. O pessoal tomava LSD e acabava vendo disco voador. Outra experiência foi tentada na Chapada Diamantina, área do Capão. Lá se encontra até hoje um cara chamado Ventania, cujas composições lembram muito as de Raul Seixas. Vive “on the road”. É meio difícil caracterizar Raul como uma ameaça à segurança nacional. Um Chico Buarque era muito mais perigoso do ponto de vista político. Ou Geraldo Vandré, ou, ainda, Taigara.

Esses foram perseguidos, porque tomavam posições mais abertas contra o regime militar.³⁴

O entrevistado reforça a sua idéia de que os anos 1970 foi um vazio. Anteriormente, ele tinha se referido a um “vazio cultural”. Aqui mencionou um “vazio político”, através da noção de que se estaria vivendo um período de intervalo ou pausa na política do período, porque movimentos, como o da sociedade alternativa, que não eram de massa e que não visavam à tomada do poder não eram movimentos organizados e subversivos. Seguindo esse raciocínio do entrevistado, esses movimentos não foram nem estágios de espera para um futuro movimento organizado porque não propuseram nada. Por isso, esses movimentos autônomos deveriam ser vistos com menosprezo e como refúgio de decepções de lutas políticas e sociais fracassadas.

É necessário, porém, observar que, mesmo que o estado dos participantes desses movimentos fosse sob o efeito de drogas, não se pode negligenciar a sua potencialidade de desafiar modos de existência estabelecidos. Já que os drogados experimentam novos territórios, especialmente territórios isolados, e provocam uma reflexão sob a “eficiência” da atuação de instituições, tais como: a família, a escola e o

³⁴ CÂMARA, Marcos Paraguassu Arruda. Entrevista concedida à Emília Saraiva Nery em 9 novembro de 2006. Não publicada.

Estado. Assim sendo, esses movimentos alternativos podem revelar problemáticas existenciais e profundas e ainda sinalizar para mudanças culturais.³⁵

Já Thildo Gama relatou o envolvimento do compositor com a “sociedade alternativa”, destacando a sua importância enquanto desafio ao Estado, à Ditadura do período, e aos costumes sociais:

Não tinha ainda o conhecimento pra decodificar o que ele queria dizer com aquilo, com a sociedade alternativa. Pois bem, a Sociedade Alternativa é uma chave onde você bota na porta, abre e sai. Essa saída é sua liberdade. Você vai fazer o que você quiser e a Ditadura não gostou disso. Meu amigo, que liberdade é essa, que livre é esse? Não, não é livre não. Mora numa sociedade. Não podem existir duas sociedades. A sociedade alternativa é aquela que você faz o que você quer desde que não incomode ninguém. Um exemplo: você pode andar nua na rua? [...] Por quê? Mas por quê? Ele queria andar nu na rua. É minha a sociedade. Fazer aquilo que eu quero. Mas não pode. Existe um Código de Ética, Moral da sociedade. [...] As aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor, que virou um livro. Eu tenho aqui o livro [...] O gibi fala de brigas do jovem tentando brigar contra a sociedade, mas com outro linguajar e no final, na última capa do gibi tem um modelo de como se construir um estilingue, um badogma. Isso foi afronta pra polícia federal. Achou que isso aí já era começo das armas. De vez em quando tinha badogma, que atirava na polícia mesmo como bola de gude. Achou isso uma afronta além do teor que é da sociedade alternativa. Que Cidade de Thor é essa? Que Cidade de Thor? Thor é uma mitologia grega, alguém forte. Sei lá... um Deus da força. O que tem Thor com isso aí? Então já começou a ligar isso aí com a música Sociedade Alternativa, que foi feita em 73. A música lançada em 73, 74 no disco Gita. Senão me falha a memória. Então a polícia o prendeu. Ele foi preso pra perguntar o que você quis dizer com isso aí A Cidade de Thor. O que quer dizer com Sociedade Alternativa? Não, rapaz é isso aqui e tal. A censura sempre o perseguiu. Muitas músicas dele estavam censuradas, não podia gravar. E com isso ele foi preso, segundo a mãe dele que me contou dona Maria Eugênia, ele foi espancado, que ela botou no banheiro e lavou as costas dele pra tirar o sangue. [...] Isso provavelmente em 74, que foi quando ele foi pros Estados Unidos.³⁶

Diferentemente de Marcos Paraguassu, Thildo Gama descreve o movimento da sociedade alternativa como uma ameaça à segurança nacional. Prosseguindo nessa lógica, pregar que o homem deveria fazer o que quiser, em tempos de repressão política, era ir contra a ordem e soberania do Estado. E mais, parecia a construção de um Estado paralelo ao oficial. Da mesma forma, mudanças de costume da sociedade podiam atingir

³⁵ GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996, p.249-256.

³⁶ GAMA, Thildo. Entrevista concedida à Emília Saraiva Nery em 10 de novembro de 2006. Não publicada.

o sistema vigente, o macro, já que nada é mais revolucionário do que fazer com que as pessoas se libertem de regras disciplinadoras e castradoras das suas existências.

Raul Seixas também se posicionou em relação à filosofia e às ações da sociedade alternativa.

Como eu estava dizendo, essa sociedade promove acontecimentos. O primeiro foi o LP [Krig – Há bandolo]. O segundo foi uma procissão [Passeata do Ouro de Tolo] que foi muito bem-sucedida, foi muito bonito. A gente levou uma bandeira na rua. Uma explosão. Porque vocês sabem que tem havido uma série de implosões. Nós saímos à rua, cantando, foi muito bonito. E a terceira foi esse show de teatro, esse show que nós estamos fazendo agora. E a quarta vai ser o Piquenique do Papo. Nós vamos convidar todos os artistas, de todos os campos, os comunicadores, de artes plásticas, de cinema, de teatro. E vamos fazer um piquenique bem suburbano, no Jardim Botânico. Levando galinha, sanduíche. Todo mundo. Pra conversar.³⁷

Apesar dessas manifestações sistematizadas da sociedade alternativa, para o compositor, seu projeto não tinha um objetivo a priori a ser seguido muito menos, líderes conscientizadores:

Essa sociedade não surgiu imposta por nenhuma verdade, por um líder. Não houve liderança no mundo inteiro, é como se fosse uma tomada de consciência de uma nova tática, de novos meios. [...] Uma tática de novos métodos em relação à melhoria das coisas. [...] É do próprio mecanismo das coisas.³⁸

A sociedade alternativa é vista pelo compositor como uma espécie indefinida; potencialmente agregadora de insatisfação, de propostas de melhoria radical de tudo, das coisas. É uma definição muito rápida que não proporciona tempo suficiente para se visualizar a imagem da **coisa**, cultura que substituirá as **coisas**. A bandeira coisa pode ser vista como um símbolo nebuloso, mas que proclama a fuga do esgotamento das coisas, do mundo.³⁹

Retornando às marcas distintas do relato de Thildo Gama em relação ao de Marcos Paraguassu, é possível destacar a temática sobre a vinculação da prisão de Raul Seixas não ao uso de drogas, como o fez Marcos Paraguassu, e sim, à divulgação da sociedade alternativa e do gibi As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor. E mais, depois dessa prisão, o compositor teria sido torturado e logo em seguida viajado para os

³⁷ SEIXAS, 1973 apud PASSOS, Sylvio; BUDA, Toninho. **Raul Seixas**. Uma Antologia. São Paulo: Martin Claret, 2000, p. 83-85.

³⁸ Ibid., p. 85.

³⁹ ROSZAK, Theodore. Uma invasão de centauros. In: _____. **A contracultura**: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 60.

Estados Unidos. A partir da ordem da narração desses fatos anteriores, a coerência do discurso pode suscitar a conclusão de que Raul Seixas foi exilado do Brasil nos anos 1970.

Já revistas da época, como **Veja**, relataram essa viagem do compositor como um intercâmbio entre os projetos de sociedade alternativa brasileira e americana. Projetos vistos como indefiníveis em relação às suas bases conceituais. Assim sendo, não se menciona a hipótese de exílio forçado ou arbitrário vivido pelo compositor:

Depois da explosão do primeiro LP individual, no ano passado, puxado pela faixa “Ouro de Tolo”, seus hábitos provincianos mudaram. Comprou um discutido Galaxie dourado e viajou para os Estados Unidos para um encontro com John Lennon e Yoko Ono, tentando obter reconhecimento para sua “sociedade alternativa”, uma espécie de Nutopia criada pelo ex-Beatle. Neste novo disco, a faixa “Sociedade Alternativa” explica os postulados do movimento: “Faz o que tu queres/ pois é tudo da lei”. E todas as outras servem, de algum modo, a esse tipo tênue de filosofia.⁴⁰

Enquanto que outra crítica musical justificava a viagem aos Estados Unidos como parte de uma turnê de divulgação da carreira do Raul Seixas.



No Brasil, a notícia que corria na imprensa era de que a dupla estava viajando para promover a carreira do baiano na América. “Raul Seixas e seu parceiro Paulo Coelho já estão em Nova York, mudando de ares, refrescando a caixa-do-pensar e preparando tudo para o lançamento do LP de Raul – Gita – naquela cidade [...], dizia uma nota de O Globo, em 15 de julho de 1974”.⁴¹

O compositor também assumiu, ainda em 1973, o suposto intercâmbio de sua Sociedade Alternativa com o projeto de sociedade alternativa de John Lennon e Yoko Ono.

Nós estamos nos correspondendo com pessoas que fazem parte dessa sociedade, inclusive John Lennon e Yoko Ono. Eles fazem parte da mesma sociedade, só que com outro nome. Nós mantemos uma correspondência constante com eles.⁴²

Influenciador do projeto da Sociedade Alternativa, o projeto da Nutopia defendia uma utopia de formação de uma comunidade internacional, que desconhecia as fronteiras dos países e conclamava a liberdade individual. Contudo, as consonâncias entre os dois projetos não os exime da existência de diferenças entre eles. Uma das

⁴⁰ SOUSA, Tárkik. Gita. **Veja**, p.79, nº. 313, 04 set. 1974.

⁴¹ MARMO, Hérica. **A canção do mago**. São Paulo: Futuro Comunicação, 2007, p. 88.

⁴² SEIXAS, 1973 apud PASSOS, Sylvio; BUDA, Toninho. **Raul Seixas**. Uma Antologia. São Paulo: Martin Claret, 2000, p. 85.

diferenças que pode ser observada foi o mecanismo escolhido para a viabilidade de cada projeto. A Nutopia faria alianças com movimentos políticos já estabelecidos, enquanto a Sociedade Alternativa se concentraria numa militância musical e agiria isoladamente.⁴³

Mas exilado como? O país escolhido, Estados Unidos, não era uma opção de um exilado militante, cuja rota de fuga compreendia países, tais como: Chile, Cuba e França. Se fosse um exilado da contracultura, como os hippies, procuraria a Califórnia. Se ainda fosse um tropicalista preferiria a Inglaterra.⁴⁴ Mas de que tipo de exílio se está falando? Aquele em que a pessoa era colocada dentro de um avião pela Polícia Federal? Seria um exílio espontâneo?

Raul Seixas teve uma experiência um pouco diferente com a ganja em 1975, ao se auto-exilar nos Estados Unidos depois de ter levado uma prensa do Dops por conta da Sociedade Alternativa (cujos contornos místicos passaram despercebidos às forças da repressão), Raul verificou que a bela partida de maconha que tinha ocultado no cinto, envolta em lenços perfumados para driblar os cachorros da alfândega americana estava completamente danificada graças ao aromático expediente.⁴⁵

Ou seria mais uma experiência psicodélica?⁴⁶ “Uma fábula *rock’n’roll*”?⁴⁷ Essa polêmica em torno do suposto exílio ou intercâmbio alternativo ultrapassou as fronteiras dos anos 1970. O acontecimento foi descrito, ainda no final dos anos 1980, por Raul Seixas ao responder um questionamento sobre as circunstâncias e os motivos da sua saída do Brasil em 1974.

Até hoje não sei realmente qual foi o motivo. Mas veio uma ordem de prisão do Primeiro Exército e me detiveram no Aterro do Flamengo. Me levaram para um lugar que eu não sei onde era... tinha uns cinco sujeitos... bom, eu estava... imagine a situação... eu estava nu com uma carapuça preta que eles me colocaram. E veio de lá mil barbaridades: choques em lugares delicados... tudo para eu poder dizer os nomes que faziam parte da “Sociedade Alternativa” que, segundo eles, era um movimento revolucionário contra o governo. O que não

⁴³ BOSCATO, Luiz. O anarquismo espiritual da contracultura: uma abordagem dos movimentos alternativos das décadas de 1960 e 1970. In: _____. **Vivendo a sociedade alternativa: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem.** 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2006, f. 128-130.

⁴⁴ ROLNIK, Suely. Roteiro de cartografias das noivinhas. In: _____. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006, p. 163.

⁴⁵ BAHIANA, Ana Maria. **Almanque Anos 70.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 347.

⁴⁶ “Para as formas de arte que, dentro de uma visão renovadora do Surrealismo, inspiravam-se nas “viagens” alucinógenas de LSD, deu-se o nome de psicodelismo, termo criado pelo inglês Humphrey Osmond.” (BOSCATO, 2006, op. cit., f. 108.)

⁴⁷ ESSINGER, Silvio. (Org.) **O baú revirado.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 77.

era. Era uma coisa mais espiritual... eu preferia dizer que tinha pacto com o demônio a dizer que tinha parte com a revolução. Então foi isso – me levaram, me escoltaram até o aeroporto.⁴⁸

Já Paulo Coelho negou a suposta prisão de seu parceiro Raul Seixas, nos seguintes termos: “A verdade é que Raul nunca foi preso. Ele foi chamado para depor para que soubessem meu paradeiro e eu estava lá. Eu intuía. Tinha jogado o I Ching e intuía... Mas não acreditei no I Ching”.⁴⁹

Paulo Coelho ainda relatou sua experiência de tortura no período.

[...] pelo fato de, em palco, haver defendido o Anarquismo. Segundo seus depoimentos, ele ficou preso um mês e sua pior recordação é a de quando foi colocado nu na “geladeira”: uma cela escura com ar condicionado ligado no máximo, e na qual reverberava o som de uma sirene.⁵⁰

Mais disputas de memórias... No bojo dessas interrogações, o suposto exílio de Raul Seixas pode ser analisado, de uma maneira geral, como uma tentativa de fuga da sedentarização dos desejos de uma vida burguesa trazida pelo período chamado de Milagre Econômico Brasileiro.

Raul Seixas poderia ser localizado entre os heróis políticos? Podia ter pretensões de ser um candidato a algum cargo político? Em seu manuscrito datado de 1978, Raul Seixas se posicionou em relação a esse tema:

Não acredito em política. Os sistemas políticos já estão deteriorados e os fatos provam isso. Para mim os velhos esquemas ideológicos, dentro da chamada “linha lógica”, são uma enorme colcha de remendos. Já que velhos e tradicionais esquemas ainda existem, votem em mim para deputado federal nas próximas eleições. Quem sabe? Chapa MDB.⁵¹ Partido Sociedade Alternativa.⁵²

⁴⁸ SEIXAS, Raul. Depoimento. [março de 1978]. **Bizz**, p. 147.

⁴⁹ COELHO, 1974, apud MARMO, Hérica. **A canção do mago**. São Paulo: Futuro Comunicação, 2007, p. 79.

⁵⁰ BOSCATO, Luiz. O anarquismo espiritual da contracultura: uma abordagem dos movimentos alternativos das décadas de 1960 e 1970. In: _____. **Vivendo a sociedade alternativa: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem**. 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2006, f. 154.

⁵¹ “Foi convidado a assumir uma candidatura a deputado federal, mas recusou a legenda. Noutra ocasião quando Orestes Quércia era o candidato do PMDB ao governo do Estado, foi procurado pelo coordenador da campanha. Queria dez shows de Raul em comícios e shows diversos. [...] Raul irritou-se comigo. Disse que sabia qual era a sua posição sobre o assunto e me expulsou de perto dele.” (FRANS, Elton. Quem foi Raul Seixas. In: _____. **Raul Seixas: a história que não foi contada**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2000, p. 71.)

⁵² SEIXAS, 1973, apud ESSINGER, Silvio. (Org.) **O baú revirado**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, p. 129.

O questionamento da dimensão de totalidade do conceito de ação política pode ser analisado neste relato de Raul Seixas. A totalidade é uma variável dos esquemas ideológicos marxistas cuja utopia era compreender, através de um método lógico e simples das condições objetivas dadas, todas as variáveis sociais. Uma outra marca da totalidade se encontra nas metas políticas. Os agentes e as metas devem ser unos com o objetivo de costurar remendos, no sentido de superação, das diferenças e das fragmentações especialmente em relação à abrangência das mudanças sociais.⁵³

A divulgação da crítica do compositor em relação à política partidária fragmentada da época e a sua declaração de candidatura à Deputado Federal foram interpretadas, em outro momento, como um lançamento oficial da candidatura de Raul Seixas a Presidente da República.

Em 1977, lançou sua candidatura à sucessão do General Geisel, na coletiva do show O dia em que a terra parou. Raul apareceu sem o indefectível cavanhaque e explicou aos jornalistas que o visual comportado tinha a ver com sua campanha ao Palácio do Planalto, que começa ali. “Minha mãe dizia que eu deveria ser presidente. E acho que devo mesmo ocupar esse cargo”.⁵⁴

Entretanto, ele fez uma outra interpretação da sua suposta candidatura.

Na época que eu me lancei candidato? Ah, sim! Naquela época, eu tava zangado. Naquela época, meu pai e mãe disseram que não. Que era melhor eu não me meter nisso não. Aí eu tive que obedecer. A quem mais se pode obedecer nesse país?⁵⁵

Esse posicionamento do compositor mostrou que a sua suposta candidatura à Câmara Federal ou à Presidência da República foi uma ironia com as estruturas do poder estatal. Ironia essa justificada porque a política que ele praticava estava em ruído com a política dos partidos, assim como na literatura menor, a poesia menor do compositor expressa um devir menor.

⁵³ ARÁUJO, Maria Paula Nascimento. Anos 70: da esquerda armada à esquerda alternativa. In: _____. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, p. 102-103.

⁵⁴ BOSCATO, Luiz. O anarquismo espiritual da contracultura: uma abordagem dos movimentos alternativos das décadas de 1960 e 1970. In: _____. **Vivendo a sociedade alternativa: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem.** 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2006, f. 205.

⁵⁵ SEIXAS, Raul. Depoimento. [12 de jan. de 1979]. **Indie Records**, 2006. 1. DVD.

Raul Seixas, na sua produção lítero-musical, parece suscitar a emergência de um insistente sujeito menor. Isso aparece especialmente na letra de música Mosca na Sopa:⁵⁶

Eu sou a mosca que pousou na sua sopa/ Eu sou a mosca que pintou
pra lhe abusar/ Eu sou a mosca que perturba o seu sono/ Eu sou a
mosca no seu quarto a zumbizar/ E não adianta vim me detetizar/ Pois
nem o DDT pode assim me exterminar/ Porque cê mata uma e vem
outra em meu lugar/ ... / Olhe pro lado agora! Eu tô sempre junto de
você/ Água mole em pedra dura/ Tanto bate até que fura.

O sujeito menor ou anti-herói é aquele que transforma a realidade histórica com atos sutis e aparentemente insignificantes, “zumbidos de moscas”, mas profundamente revolucionários como movimentos de gingado de capoeiras, executados na letra em análise, através do som de um berimbau insistente.⁵⁷ “Água mole em pedra dura/ Tanto bate até que fura”. Esse personagem não possui delimitações próprias, enredos fixos, “Eu sou a mosca que pousou na sua sopa / Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar / Eu sou a mosca que perturba o seu sono”. Ele se desdobra em camuflagens geralmente duplas. Quando uma delas morre, o sujeito não é exterminado e tem forças para uma ação de revolta – “E não adianta vim me detetizar / Pois nem o DDT pode assim me exterminar” – integrada a uma mudança sonora para a música rock. Por que uma camuflagem germinal que estava dobrada, interiorizada se desdobra, exterioriza, “Porque cê mata uma e vem outra em meu lugar”.

A postura de viver na fronteira entre dois mundos, assim como um anfíbio em uma nova fase de seu desenvolvimento, permite que o sujeito viaje por outros planos da existência, para o futuro, o passado e lugares fora desta vida. Percebo e admito que a obra de Raul Seixas dialogue com questões elementares de sua época como o debate sobre o crescimento econômico do governo Médici; crise energética; reivindicações políticas cotidianas. Contudo, a grande tônica da obra do compositor foi a tentativa de recusa às formas de existência do período. Recusas salvadoras representadas,

⁵⁶ SEIXAS, Raul. Mosca na sopa. SEIXAS, Raul. **Krig-ha, Bandolo!** São Paulo, Philips – Phonogram, 1973. 1. disco sonoro. Lado A, faixa 1.

⁵⁷ “A música apresenta pontos de batuque de candomblé, alternados com os solos de guitarra roqueira, combinando duas bases musicais negras: uma brasileira e outra norte-americana, visto que o blues negro – junto com as melodias brancas – deu origem ao rock’n roll.” (BOSCATO, Luiz. O anarquismo espiritual da contracultura: uma abordagem dos movimentos alternativos das décadas de 1960 e 1970. In: _____. **Vivendo a sociedade alternativa: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem.** 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2006, f. 51).

principalmente, pelo refúgio nos exílios existenciais nos Estados Unidos e em Minas Gerais, na utópica Cidade das Estrelas.



www.revistafenix.pro.br